

O CORPO SENSÍVEL NO CENTRO DE CUIABÁ/MT

Relatos de um caminhar cartográfico

*THE SENSITIVE BODY IN CUIABÁ-MT CENTER
reports of a cartographic walk*

*Kellen Melo Dorileo Louzich¹,
Fernando Perinazzo Rambo² e Evandro Fiorin³*

Resumo

A compreensão sensível da cidade pode ser possível na microescala, caminhando pelas ruas, vielas, em meio a sua arquitetura, fazendo despertar o olfato, provando comidas, tateando as fachadas, aguçando a audição frente à urbanização. Desta maneira, nesta experiência que propomos aqui, a modalidade de pesquisa do caminhar de Francesco Careri se alia ao método da cartografia, para construir sensibilidades de um fazer para saber mais sobre o centro da cidade de Cuiabá. Assim, nosso objetivo é trabalhar o caminhar como prática estética somado à cartografia subjetiva, com a finalidade de experimentar os espaços urbanos cuiabanos. De tal sorte, nos lançamos nos meandros do centro histórico de Cuiabá – uma cidade com mais de 300 anos, cheia de histórias –, vivenciada agora pelos relatos das experiências subjetivas que desvelamos por um caminhar cartográfico.

Palavras-chave: centro histórico, corpo, caminhar, cartografia, Cuiabá.

Abstract

A sensitive understanding of the city can be possible at the microscale, walking through the streets, alleys, amid its architecture, awakening the sense of smell, tasting food, feeling the facades, sharpening the hearing in the face of urbanization. In this way, in this experience that we propose here, Francesco Careri's walking research modality is allied to the cartography method, to build sensibilities of a doing to know more about the city center of Cuiabá. Thus, our objective is to work on walking as an aesthetic practice added to subjective cartography, in order to experience the urban spaces of Cuiabá. In such a way, we launched ourselves into the intricacies of the historic center of Cuiabá – a city with more than 300 years, full of stories –, now lived through the reports of subjective experiences that we unveil through a cartographic walk.

Keywords: historic center, walking, cartography, Cuiabá.

1 Artista plástica, arquiteta e urbanista (Fau UFMT, 2018), mestre em arquitetura e urbanismo pelo Programas de Pós-Graduação PósArq (UFSC, 2021). Pesquisadora colaboradora do Laboratório tecnologia e Conforto Ambiental desde 2015 (LATECA-UFMT) e do Grupo de Pesquisa de Projeto, Patrimônio, Percepção e Paisagem (UFSC).

2 Estudante do 9º semestre da faculdade de arquitetura e urbanismo da Universidade Federal de Mato Grosso (Fau UFMT). Pesquisador colaborador do Laboratório de fabricação digital (Lab.au/fablab) desde 2017, desta mesma universidade.

3 Arquiteto e urbanista (Faac Unesp, 1998), mestre (IAU USP, 2003), doutor (FAU USP, 2009), pós-doutor (Faup, 2014-2015), Professor dos Programas de Pós-Graduação PósArq UFSC e PPGAU Unesp. Professor da UFSC e Líder do Grupo de Pesquisa de Projeto, Patrimônio, Percepção e Paisagem (UFSC).

Introdução

Este trabalho tem por objetivo produzir uma experiência a partir do caminhar como modalidade de pesquisa, aliando-o ao método da cartografia, tentando compreender um pouco mais sobre as questões ligadas à prática do caminhar descrita pelo arquiteto italiano Francesco Careri e a construção de uma cartografia subjetiva do espaço delimitada por Rolnik. Pautados nessa questão, realizaram-se idas a campo visando experimentar ambas possibilidades de pesquisa em uma cidade brasileira. Foram realizados diversos trajetos em uma mesma localidade. Em cada uma das distintas imersões tivemos diferentes abordagens sensoriais. As informações coletadas foram compiladas em mapas individuais e depois condensadas e analisadas em uma única cartografia, de modo a fazer-ver parte das experiências que vivenciamos e alguns rebatimentos dos trabalhos dos referidos autores, além da nossa própria subjetividade.

É importante discorrer sobre as motivações da escolha do lugar: a primeira delas é a aproximação da maioria dos autores com a capital do Mato Grosso. Além disso, Cuiabá, ora denominada “A Vila Real do Bom Jesus de Cuiabá (FIORIN et. al., 2022, p. 85)” fazia parte do conjunto de vilas fundadas pela Coroa Portuguesa no século XVIII e, portanto, mantém uma construção diversa do espaço, devido a sua historicidade. Ademais, desde os primórdios, o seu processo de ocupação, bem como, a sua consolidação espacial, foram ditados por questões econômicas, interesses pela posse territorial e marcados pela segregação socioespacial, sendo assim, comparece para nós como um espaço rico em forças e estímulos. Dessa maneira, a configuração urbana resultante no centro histórico da cidade é extremamente pulsante, sendo um lugar bastante propício para diversas incursões.

Para melhor descrever este trabalho, o dividimos aqui em três abordagens. A primeira trata da metodologia do fazer para saber – em um processo de vivência do espaço urbano. Nele trabalhamos os conceitos de Careri (2013; 2017) e de Rolnik (2016). O segundo, diz respeito ao caminhar e à cartografia propriamente ditos, ou seja, o fazer para saber em campo. O terceiro é uma análise posterior, tendo em vista o caso de Cuiabá e suas reverberações nas modalidades estudadas, traçando algumas considerações.

O caminhar

A estratégia do caminhar como prática estética (CARERI, 2013) é uma modalidade de pesquisa que possibilita um encontro com o passado e o presente. O que restou do antigo centro histórico, suas imagens e imaginários, em que pese a descoberta do novo, das ruínas e do próprio desaparecimento de algumas camadas de tempo, mas também dos processos de modernização.

Caminhando pelo território saímos em busca de novas descobertas, de forma a identificar as camadas, que Careri (2017) trata como “ilhas de um arquipélago, cujo mar é um grande vazio informe”. Entretanto, como poderíamos conhecer cada detalhe, cada meandro desta ilha e, até mesmo deste arquipélago, se não nos perdêssemos nesses espaços, pois “quem perde tempo, ganha espaço (CARERI, 2017, p. 106)”.

A cidade vai sendo desvelada pelos nossos corpos, a cada passo, a cada olhar, a cada cheiro, a cada som e a cada toque vamos identificando e resignificando os lugares por onde passamos. “Um trajeto por si só é polissêmico e, assim, podemos nos deixar vagar pela errância do corpo e dos nossos sentidos, quase que indefinidamente, até onde os nossos pés nos fizerem chegar (FIORIN, 2020, p. 11)”.

No caminhar “[...] a meta deve ser sempre apenas uma hipótese, um projeto [...]. A exploração não necessita de metas, mas de tempo a ser perdido. Haja então desvios, mudanças de rumo, paradas para falar com o dono da casa [...] (CARERI, 2017, p. 107)”, paradas para sentar-se no banco da praça e observar, momentos para conversar e desenhar, enfim, encontrar o outro. Caminhar segundo Careri:

[...] tornou-se o instrumento estético e científico que permite reconstruir o mapa em devir das transformações em curso, uma ação cognitiva, capaz de acolher inclusive aquelas amnésias mapas mentais porque não as reconhecemos como cidade (CARERI, 2017, p. 101 e 102).

O caminhar e a cartografia

Cada ação cognitiva constrói uma cartografia. Um método de pesquisa que consiste em “acompanhar processos, e não na representação de objetos (PASSOS; KASTRUP; ESCÓSSIA, 2009, p. 53)”, seu objetivo é “desenhar rede de forças (estímulos) (PASSOS; KASTRUP; ESCÓSSIA, 2009, p. 57)” à qual o corpo se encontra conectado. “[...] é através desse corpo, associado ao uso molar de seus olhos (de seu corpo sensível), que procura captar o estado das coisas, seu clima, e para eles criar sentido (ROLNIK, 2016, p. 71)” e, assim, produzir, portanto, múltiplos pontos de vista, ou uma cartografia do lugar, uma cartografia dos afetos, ou seja, cartografias subjetivas.

Adentrando um território desconhecido (ou não), o cartógrafo se aproxima de um campo de estudo como um estrangeiro (SIMMEL, 1983). O cartógrafo-pesquisador é aquele que visita um território que não habita. “O território vai sendo explorado por olhares, escutas, pela sensibilidade aos odores, gestos e ritmos (PASSOS; KASTRUP; ESCÓSSIA, 2009, p. 61)”. Ele se lança em um mar de descobertas e se deixa ser afetado por elas.

Sendo tarefa do cartógrafo dar língua para afetos que pedem passagem, dele se espera basicamente que esteja mergulhado nas intensidades de seu tempo e que, atento às linguagens que encontra, devore as que lhe pertencerem elementos possíveis para a composição das cartografias que se fazem necessárias. O cartógrafo é, antes de tudo, um antropólogo (ROLNIK, 2016, p. 23).

Sendo assim, as caminhadas são uma espécie de tática antropofágica. Elas foram feitas para dar sentido a esta pesquisa. São o meio que nutre as informações contidas nos mapas e que foram descritos ao longo de todo este trabalho. Esta pesquisa iniciou-se em 2019, mas o mergulho no território começou muito antes. Cada ida a campo busca desvendar um pouco mais de Cuiabá; procurando entender como os tempos estão fragmentados na cidade; como a paisagem conta a sua história; como ao longo do tempo as transformações foram modificando o seu desenho. Nesse sentido, andar a pé, novamente, pelos antigos caminhos que fazíamos desde criança produz, também, novos traços na paisagem.

Traçados que tem como estratégia metodológica um olhar semiótico descrito por Ferrara (2000) sentindo os cheiros, provando comidas, aguçando a audição frente à urbanização, à publicidade; com olhar atento a tudo (à comunicação visual, à sinalização), de modo a capacitar nosso corpo a tatear cada lugar e manter novas relações com os indivíduos. O caminhar como prática estética é sustentado pelo método da cartografia, ou seja, de um fazer para saber. Assim, nos enredamos em um labirinto que vai desvendando os sentidos do espaço. E já não há mais um olhar atomizado, daquele que planifica o território de maneira totalitária.

Buscamos pelo ponto de vista múltiplo, despertar os cinco sentidos da arquitetura, ao invés dos antigos cinco pontos determinados pelo ideário moderno. Esse sentimento deriva da experiência, da vivência, do deixar-se levar. É sempre um caminho labiríntico, pois não tem começo nem fim. Nele, estamos sempre “em movimento (DERRIDA, 2008)”; e, justamente desse caminho tortuoso podem surgir novos desejos, os sentidos plurais de cidade que poderiam caracterizar uma outra compreensão para essa arquitetura. Ou melhor dizendo, a capacidade do arquiteto de exercitar a subjetividade e dar vazão à subjetividade dos Outros.

	Careri	Rolnik
O encontro	Encontro com o passado e o presente.	Encontro com o Outro.
O movimento	Façam-se desvios, mudanças de rumo, mas sem metas a serem seguidas.	“[...] apreender o movimento que surge da tensão fecunda entre fluxo e representação: fluxo de intensidades escapando do plano de organização de territórios, desorientando suas cartografias, desestabilizando suas representações, [...] dando-lhes sentido (ROLNIK, 2016, p. 67)”. Caminhando captamos o estado das coisas, usamos do corpo (sensível) para criarmos cartografias subjetivas.
Caminhando	Caminhando reconstruímos os arquipélagos que antes eram vazios ou amnésias urbanas para nós.	O “[...] feeling que varia inteiramente em função de cada singularidade de cada situação, inclusive do limite de tolerância do próprio corpo vibrátil que está avaliando, em relação à situação que ele avalia. [...] é só nunca esquecer de considerar esse limiar (ROLNIK, 2016, p. 69)”. Mergulhamos na geografia dos afetos e inventamos pontes para fazer suas travessias.
O medo	O caminhar é (em muitos locais) um “fenômeno antiparipatético e antiurbano (CARERI, 2013, p.170)”, pois o caminhar na América do Sul, “significa enfrentar muitos medos (CARERI, 2013, p. 170)”. Quem perde tempo, ganha espaço.	
O mergulho		

Tabela 1 - comparativo entre as teorias de Careri (2013; 2017) e Rolnik (2016). Fonte: Autores (2022).

Caminhando de olhos vendados

Combinei com dois colegas da arquitetura de me ajudarem nessa caminhada, pois eu estaria vendada e precisaria ser conduzida. Marcamos de nos encontrar na Praça da República (figura 1-A) ou Praça da Sé, como era chamada antigamente. Era após o almoço, lá pelas duas e meia da tarde. Antes de colocar a venda, expliquei como era o “caminhar e parar”, ou seja, era importante eu sentir os espaços, seus cheiros, formas e sons.

Subimos na calçada e eu comecei a tatear a edificação (figura 1-F), sabia que ela era o MISC – Museu de Imagem e Som de Cuiabá. Esta edificação tem uma janela circular que fazia ventilação do porão (utilizado em Cuiabá para nivelar a edificação ao terreno), e acima havia a sacada. Contornamos a edificação pela calçada, e fomos para a Rua Sete de Setembro. Sabia que não podíamos andar mais pela calçada, pois a edificação do lado estava com tapumes na frente (figura 1-G), era a Gráfica Pepe, e sua fachada havia ruído sobre a via. Então, descemos para a rua. Pavimentação de Pedra Cristal. Esta é a pedra utilizada para realizar a pavimentação das ruas de Cuiabá antes da chegada dos automóveis na cidade.

Fomos para a calçada do outro lado da rua. Senti o cheiro de tinta e madeira queimada, era da loja ao lado que os senhores fazem artesanato com Formica e MDF. Andei. Andei. Andei pela rua. Subi. Andei. Pessoas me olhando achando estranho. Andei. E um som, ouvi um mensageiro dos ventos (aquelas esculturas que ao bater um vento sai um som). Mais uma coisa que não sabia que vendia no centro. Andei. Então senti cheiro de pastel. Era da lanchonete que estava ao meu lado. Andamos mais um pouco e nos sentamos no banco da Praça Caetano de Albuquerque para beber uma água e descansar. Perguntaram-me se eu queria continuar. Eu disse que sim. Então levantamos e começamos a andar.

Nesta hora me perdi completamente do meu trajeto, não sabia por onde andava, tentava identificar os cheiros, mas não havia. Achava que estava em um lugar, mas estava em outro. A todo momento meu cérebro tentava me localizar espacialmente. Estava perdida. Andava e não me encontrava. Tirei a venda e meus amigos me contaram o trajeto que tinha feito. Nesse momento a cidade começou, de fato, a parecer o que era. Os meus cinco sentidos estavam mais aguçados para a arquitetura.

Caminhar para saborear

Com a modernidade, as ruas de pedra e as calçadas estreitas foram sendo vistas como obsoletas. Hábitos foram sendo transformados, novas necessidades no dia a dia começaram a fazer parte da vida moderna, por exemplo: a cozinha dentro das casas. Ou se demolia tudo e se construía uma nova casa, ou mudava-se para um outro bairro. Assim, muitos imóveis foram sendo desocupados e outros ainda permanecem sem uso.

Apesar do elevado número de imóveis em desuso, o centro histórico de Cuiabá ainda tem ruas que apresentam hábitos remanescentes do passado, como sentar-se na calçada nos fins de tarde para observar a movimentação nas ruas (figura 2-A); deixar a porta aberta, pois o visitante poderá chegar e bater palma e o som será propagado até o fundo da casa (figura 2-B); reunir-se aos fins de tarde com os compadres no bar para beber uma cervejinha, beliscar uns petiscos e prosear (forma de dizer em Cuiabá, que significa tomar cerveja, comer petisco e conversar, respectivamente). Estes hábitos são mais frequentes na Rua do Meio (atual Rua Ricardo Franco); nas proximidades da Igreja do Rosário e São Benedito; e na Praça da Mandioca (figura 2-C).

A Rua do Meio é a rua do centro histórico mais diversa, que nos surpreende a cada ida a campo. No meio da tarde de um domingo (figura 2-D), me deparei com uma mesa posta, geladeira, pratos limpos e muitas cadeiras no meio da rua, mas não encontrei ninguém na via. Seria um almoço, lanche da tarde, ou estavam se preparando para o jantar? Para quem? Não soube dizer, não havia ninguém na rua para que eu pudesse indagar, e todas as portas estavam fechadas. No passado, esta rua não existia; era os fundos dos quintais. Somente em 1776, a Rua do Meio passa a existir, com a finalidade de circulação dos corpos negros para a retirada dos dejetos e o abastecimento de

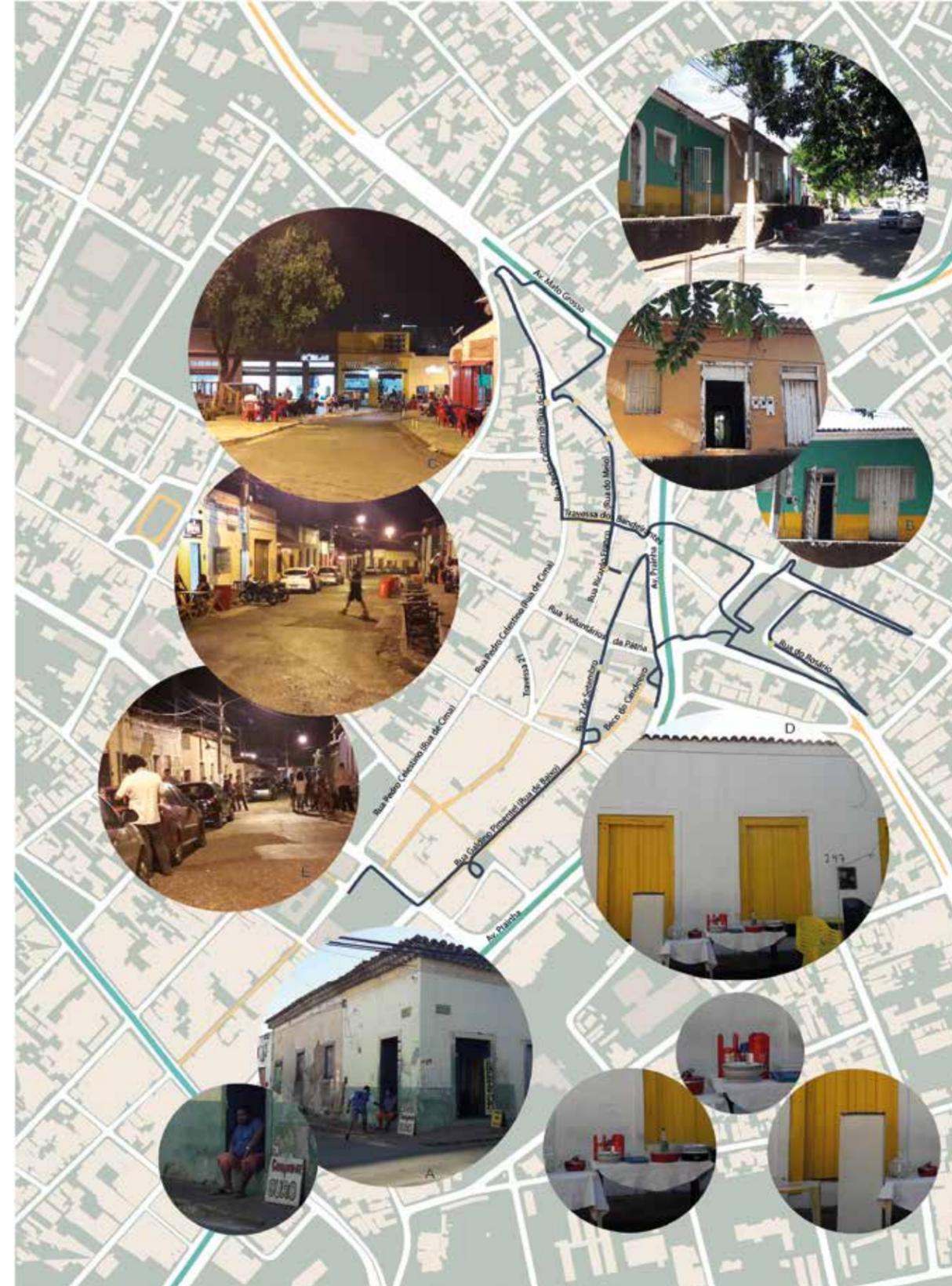


Figura 2 - Cartografia do caminhar para saborear. Fonte: Autores, 2022.

águas para as residências. Por isso, a Rua do Meio foi denominada de Rua das Pretas. Outrossim, a rua Voluntários da Pátria, que também era segregada, foi chamada de Rua da Alegria. Esta recebeu esse apelido por conta do “intenso fluxo de escravizados que circulavam por ali fazendo os seus trabalhos cantando (SILGUEIRO, 2019, p. 96)”.

A Praça da Mandioca já foi o ponto mais badalado da cidade. Há pouco tempo atrás, nos finais de semana, a rua ficava tão cheia de corpos que não havia espaço livre na via para circular. Hoje não há mais tantos frequentadores, contudo continua sendo um dos lugares mais múltiplos da cidade, a cada período do dia é frequentado por um

público diferente. No fim das tardes (nos fins de semana), é habitado pelos senhores e senhoras (este em menor número) sentados na praça defronte aos bares. Neste horário, a maioria desses estabelecimentos estão se preparando para abrir e, apenas dois ou três estão funcionando. Ao cair da noite: os jovens começam a aparecer (figura 2-E), outros bares abrem e por volta das nove ou dez da noite todos os bares estão de portas abertas.

Percebemos que há dois tipos de públicos jovens que frequentam os bares da Mandioca: um deles prefere sentar-se e ser atendido nas mesas, estes ficam logo no início da curva da Rua do Meio; o outro tipo prefere se reunir mais abaixo da rua, próximo à Travessa dos Bandeirantes – ficam de pé em forma de roda, quando sentam-se é no meio fio ou nas calçadas. Não há garçons, os frequentadores vão até o bar e compram suas bebidas. Este é um público jovem mais alternativo.

Numa das primeiras visitas (em meados de 2017) um dos proprietários, o senhor Araújo, me contou uma história sobre a Mandioca. Ele havia organizado o primeiro carnaval da Mandioca, desde o ano 2007, que perdurou por mais cinco anos. No início, ele ficou bem calado, mas um dos seus clientes falou com muita alegria sobre aquela época. Seu Araújo nos mostrou o álbum do Carnaval. Na foto, todos estavam alegres e fantasiados como em um desfile de escola de samba. O evento chegava a ter mais de 500 pessoas. Indagamos por que tinha parado com a organização, ele disse que dava muito trabalho e já estava cansado, que a idade estava chegando. O Carnaval é o lugar de inversão. Na carnavalização do espaço público o lugar se torna, de fato, publicizado.

Vale ressaltar que, tanto a rua do Meio quanto a região da mandioca estão em lugares que, atualmente, são denominados de Baixo Centro: “[...] o significante “baixo” torna-se metáfora de seus frequentadores. Para além de um espaço físico, “o Beco do Candeeiro” é uma região moral. A segregação que emerge da região moral não é realizada somente pelos grupos envolvidos (SILGUEIRO, 2019, p. 97)”. A vila era mapeada imageticamente por fronteiras e limites incluindo não somente as ruas, mas também as localizações das edificações e de quem as habitava e, por onde era feita a circulação. Assim, se mantém a segregação espacial que perdura desde o período colonial.

Caminhar para tatear

Numa tarde nublada com o céu acinzentado, começo minha caminhada e me deparo com edificações modernas com mais de 20 pavimentos, na Rua Barão de Melgaço. Desço a Rua Dom Bosco, e viro na Rua Joaquim Murtinho, uma via bastante diversificada em relação aos comércios, que vão desde bares, salão de beleza, lojas de utensílios domésticos e algumas edificações de porta e janelas, até outras mais modernas no meio do lote. Este local não faz parte do perímetro tombado do centro histórico, mas há edificações antigas. Percebo que ao me aproximar da área recortada pelo tombamento o gabarito das edificações vai diminuindo e o número de edificações verticais vai se rarefazendo.

Chegando próximo à Avenida Isaac Póvoas avista-se uma das entradas do Mercado Público Miguel Sutil. Esta é tão larga que passa um carro e ainda sobra espaço. Todos os imóveis que dão para a rua têm um acesso para o interior do mercado. Atravesso a Av. Isaac Povoas e já estou na área de entorno do centro histórico. Seguindo em direção à Avenida Getúlio Vargas, chegando próximo a Travessa João Dias, me deparei com uma interrupção na calçada; havia tapumes por causa da queda da fachada de uma edificação. Tive a impressão daquilo já estar ali há muito tempo, pois dentro da



Figura 3 - Cartografia do caminhar para experienciar e descobrir. Fonte: Autores, 2022.

edificação antiga, existia muita vegetação rasteira, visível sobre o tapume. Toquei-o. Segui pela Travessa em direção à Avenida Tenente Coronel Duarte (Av. da Prainha), parei em frente à edificação do Tesouro do Estado, mas não era sua frente e sim os fundos – fiquei confusa – as duas fachadas são praticamente idênticas, tendo apenas algumas diferenças. Os fundos não têm escrito: “Tesouro do Estado” e as Pinhas da frente (figura 3-A) são diferentes das Pinhas do fundo (figura 3-B) – estas de aparência mais oval.

Subi e adentrei a Rua Antônio Maria Coelho, em sentido a Av. Getúlio Vargas. Parei na Praça da República (figura 3-C) e fui olhar as estátuas. Eram meninos e a praça apresenta quatro dessas, se é que são todos meninos, talvez, uma delas era uma menina. Cada figura está com elementos em suas mãos e nos seus pés, sendo que, o mais curioso é que cada menino está orientado para uma ponta da rosa dos ventos.

Dessa forma, cada realidade cria sua própria etiqueta e códigos subjetivos de interação social. Demandando que o pesquisador conheça uma série de pormenores que são frutos de outras vivências. Portanto, mesmo que ele tente ter empatia, para permitir o respeito intrínseco ao caminhar, junto das pessoas ali presentes, só é possível falar sobre os passantes a partir das próprias vivências pessoais.

A lembrança de que o pesquisador não é onisciente é uma constância, a população é tão múltipla! E, por mais que haja um corpo sensível aberto às forças presentes no espaço, ele nunca compreenderá satisfatoriamente todas as suas dinâmicas. Não conseguir isolar as variáveis de uma interação durante sua análise gera resultados inconclusivos e dúbios, como não compreender o esvaziamento do centro, seria o frio ou a hora de deixá-lo, e se for deixá-lo, por quê?

A consciência da dúvida na experiência do cartógrafo-pesquisador é constante, não apenas na interpretação das intencionalidades da composição semântica de uma estátua, mas também, na presença de elementos corriqueiros de uma cozinha, mas incomuns a uma via pública.

Entretanto, a compreensão de que um relato é feito a partir de uma perspectiva pessoal do autor em sua interação com o espaço é indispensável. Esse, por mais que tente se aproximar dos transeuntes durante a caminhada, apenas conseguirá vê-los como personagens pontuais daquela performance com o espaço, sendo um momento e jamais realmente uma conexão com a pessoa que ali está presente.

Contudo, o corpo que caminha traz uma bagagem, uma história e uma identidade, pois o corpo é político, nós somos políticos, nos afetamos e somos afetados pelos espaços e estes espaços são territorialidades de grupos diversos.

Um labirinto de camadas que quando começamos a desnudar é como uma linha de um novelo de lã, cujo o fio não tem fim. Deste modo, entendemos que o caminho aqui é um labirinto que construímos, não só para conhecer a cidade, mas, também, para saber de nós mesmos, para reconhecer o corpo que habitamos. Como os lugares nos afetam e como podemos nos afetar para intervir nos espaços, de forma a transformá-los em territórios existenciais, ou seja, um lugar habitado, tanto para o arquiteto, quanto para os usuários do lugar. Por conseguinte, as experiências que estabelecemos com os espaços também transformam os lugares, e o método da cartografia pode nos auxiliar nesse processo de experimentação. De tal sorte, que o lugar praticado pelo caminhar e pela cartografia reforçam as sensações de pertencimento e memória da cidade. Em suma, sugerimos aqui alguns pontos que podem ser tecidos junto ao novelo da modalidade do caminhar, os quais foram sendo, aos poucos, desnudados pelo labirinto que enredamos nos trajetos cuiabanos reunidos abaixo, realizados como cartógrafos de corpo sensível no espaço.

- **Conhecimento**

É essencial estudar antes de ir a campo, seja sobre as teorias urbanas ou sobre a localidade. Devemos encarar este conhecimento para um re-conhecimento urbano, podendo inclusive, contatar um guia da comunidade, no caso de ir a uma favela, por exemplo.

- **Abertura**

O cartógrafo tem que estar aberto ao estranhamento da população local. Assim, devemos saber controlar as nossas emoções e expressões faciais, sermos gentis e

termos em mente que o Outro pode, também, não querer interação.

- **Respeito**

Entender que existem barreiras e fronteiras abstratas, sotaques e línguas diferentes, classe de consumo, códigos de comportamentos, etnias e estilo de vida e, portanto, devemos sempre respeitá-los em qualquer saída a campo.

Agradecimentos

Agradecemos ao Laboratório tecnologia e Conforto Ambiental (LATECA) e ao Laboratório de fabricação digital (Lab.au/fablab), ambos para Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), por nos cederem os espaços para estudos, pesquisas e desenvolvimento deste. Agradecemos, também, ao Laboratório Percepção Urbana da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) por nos apresentar o caminho para o pensamento rizomático.

Referências

CARERI, Francesco. *Caminhar e parar*. Tradução de Aurora Fornoni Bernardini. São Paulo: Gustavo Gili, 2017. 128 p.

CARERI, Francesco. *Walkscapes: o caminhar como prática estética*. Prefácio de Paola Berenstein Jacques. Tradução de Frederico Bonaldo. 1.ed. São Paulo: Editora G. Gili, 2013, p. 188.

DERRIDA, Jacques. Uma arquitetura onde o desejo pode morar. Entrevista de Jacques Derrida a Eva Meyer. 1986. In *Uma nova agenda para a arquitetura: antologia teórica (1965-1995)*. Título original: Theorizing a new agenda for architecture: an anthology of architectural theory, 1965-1995. Organização de Kate Nesbitt. Tradução de Vera Pereira. Revisão técnica José Tavares Correia de Lira e Joana Mello. São Paulo: Cosac Naify, 2.ed. rev. 2008.

FERRARA, Lucrecia D'Alessio. *Os significados urbanos*. São Paulo. EDUSP. 2000. 192 p.

LOUZICH, Kellen Melo Dorileo. A construção da cidade inanimada. In.: FIORIN, Evandro et. al. *A cidade inacabada*. Tupã-SP, ANAP; Florianópolis-SC, Arquitetura & Urbanismo/UFSC. 2021. 82-93p.

FIORIN, Evandro. *Caminhar como estrangeiro em terras de descobrimentos: Processos de percepção da arquitetura e urbanismo contemporâneos [recurso eletrônico]*. Tupã: ANAP, 2020. 128p.

PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virginia; ESCÓSSIA, Liliana da. *Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*. Porto Alegre: Sulina, 2009, 205p.

ROLNIK, Suely. *Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo*. Porto Alegre: Sulina; Editora da UFRGS, 2ºed., 2016. 248 p.

SILGUEIRO, Gabriela Rangel. *Luz no Candeeiro: vínculos de pertencimento em torno do memorial de uma chacina no Centro Histórico de Cuiabá*. Dissertação (de Mestrado

em Antropologia Social) - Programa de Pós-graduação em Antropologia Social, Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, 2019.

SIMMEL, G. O Estrangeiro. 1923. In: MORAES FILHO, E. (org.). *Simmel*. São Paulo: Ática, 1983.